

# Para a história do português brasileiro em Maringá: o uso de artigos por um integrante da comunidade nipo-brasileira

**Hélcio Batista PEREIRA<sup>1</sup>**

**Neiva Maria JUNG<sup>2</sup>**

**Gabriela FUJITA<sup>3</sup>**

---

1 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil;  
| hbpereira@uem.br | <https://orcid.org/0000-0002-5222-9267>

2 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil;  
| neiva.jung@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7249-7816>

3 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil;  
| fujita.gabriela@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0002-8462-324X>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i1.3979>

**Resumo:** Neste trabalho estudamos o uso de artigos de Kenji Ueta, considerado legalmente como “pioneiro” de Maringá-PR, para discutir o uso de artigos por membros da comunidade nipo-brasileira dessa localidade e suas articulações com práticas sociais. Para tanto, analisamos uma entrevista concedida por ele e disponível publicamente no YouTube. Ueta aprendeu português como segunda língua, mantendo em seu uso marcas do contato com o japonês. Como aparato teórico, apoiamo-nos na perspectiva da chamada terceira onda Sociolinguística – proposta em Eckert (2005, 2016) e Eckert; McConnell-Ginet (2010). Para a descrição linguística do uso dos artigos, nos apoiamos em Castilho (2010). Os dados de uso do Sr. Kenji Ueta mostraram a tendência por não usar artigos quando possível, apresentando um alto grau de ocorrências em que o artigo não é compatível, de acordo com as descrições do português brasileiro já realizadas, com a desinência de gênero do núcleo do sintagma nominal. O cruzamento dos dados linguísticos e socioculturais de Kenji Ueta nos permitiu compreender as construções identitárias que evidenciou em suas entrevistas, como um “membro da comunidade nipo-brasileira”, como “empresário do ramo da fotografia de Maringá” e “membro da elite de Maringá”.

**Palavras-chave:** História Social da Língua. Comunidade Nipo-brasileira. Português Brasileiro. Artigos. Comunidade de Prática.

---

## **For the History of Brazilian Portuguese in Maringá: The Use of Articles in the Japanese-Brazilian Community**

**Abstract:** In this study, we analyze the use of articles by Kenji Ueta, legally recognized as a “pioneer” of Maringá-PR, to discuss how this member of the Japanese-Brazilian community in that locality uses articles and the implications of this as a social practice. For this purpose, we examined an interview given by Ueta, which is publicly available on YouTube. Ueta learned Portuguese as a second language, maintaining linguistic traces of his contact with Japanese. As a theoretical apparatus, we rely on the perspective of the so-called third wave Sociolinguistics – proposed by Eckert (2005, 2016) and Eckert & McConnell-Ginet (2010). For the linguistic description of article usage, we relied on Castilho (2010). The usage data from Mr. Kenji Ueta demonstrated his tendency to omit articles whenever possible, showing a high frequency of occurrences in which the article is not compatible with the gender inflection of the noun phrase’s head,

according to previous descriptions of Brazilian Portuguese. The intersection of linguistic and sociocultural data allowed us to understand the identity constructions he expressed in his interviews, positioning himself, through language, as a “member of the Japanese-Brazilian community,” a “photography entrepreneur in Maringá,” and a “member of Maringá’s elite.”

**Keywords:** Social History of Language. Japanese-Brazilian Community. Brazilian Portuguese. Articles. Community of Practice.

## **| Introdução**

Propomos, para este artigo, um tema de História do Português na perspectiva da 3ª onda da Sociolinguística proposta por Eckert (2005, 2016). Analisaremos aqui uma amostra de fala em português de um “pioneiro”<sup>4</sup> da cidade de Maringá, ligado à comunidade nipo-brasileira maringaense e que, lamentavelmente, faleceu em 2020, vítima da pandemia de COVID-19. Nosso objetivo é analisar como o Sr. Kenji Ueta fez usos (ou não) de artigos, interrelacionando essa prática linguística à sua inserção na sociedade maringaense. Com isso, pretendemos contribuir para a história linguística local, observando como um nipo-brasileiro, empresário do ramo da fotografia e membro da elite de Maringá fez para participar e se inserir nas práticas da cidade, constituindo, com isso, a seu modo, o português falado localmente.

Há mais de um século, a imigração japonesa acrescenta seus valores culturais e linguísticos aos costumes e falares da população brasileira. O contato dos imigrantes japoneses com a língua portuguesa<sup>5</sup> gerou a combinação de falares que, unidos, evidenciam e indicam, por um lado, diferenças entre a língua portuguesa e japonesa para além das questões fonéticas e, por outro, a formação de um português marcado por traços do japonês. Convém, então, estudos sobre o português usado pelas comunidades nipo-brasileiras no Brasil para mostrar como se constitui esse português linguística e identitariamente, explorando os contornos gramaticais, semânticos e discursivo-textuais desses usos, em uma perspectiva que explora as interações entre o linguístico e o sociocultural. Este

---

4 Usamos o termo “pioneiro” aqui como preconizado pela Lei Ordinária nº 3380/93 de Maringá. Essa lei reconhece como “Pioneiro” os indivíduos transferidos para a cidade até 1950 e, como “Pioneiro na Profissão”, os que se fixaram no município até 1960. Entretanto, isso não implica que estejamos assumindo o discurso que sustenta que antes da construção da cidade, na década de 1940, a região sobre a qual esta foi edificada fosse um “vazio demográfico”. As cidades do norte do Paraná criadas na primeira metade do século XX ocuparam terras com presença de povos indígenas (Tomazi, 1999).

5 Com relação à nomeação das línguas, grafamos todas com letra minúscula, flexionando-as de acordo com o sistema da língua portuguesa, como sugeriram Fiorin e Petter (2008, p. 10), isto é, nomear com igualdade as línguas.

trabalho se propôs a estudar o emprego dos artigos definidos na oralidade de um indivíduo japonês que aprendeu o português como língua adicional<sup>6</sup>, visto que o sistema linguístico japonês não prevê a classe gramatical dos artigos. Kenji, assim como outros membros da comunidade nipônica, mudou-se para Maringá ainda no processo da construção dessa localidade na década de 1940, ajudando a constituir o quadro sociolinguístico da cidade.

Para observar essa questão, partimos de Eckert (2005, 2016). Nessa perspectiva, atribui-se às variáveis um significado social, de modo que o falante de uma variedade específica constrói sua identidade a partir de um senso de pertencimento a uma dada comunidade de prática.

## **| O uso de artigos no português culto brasileiro e no japonês**

Os artigos são marcadores pré-nominais, átonos, sempre associados aos substantivos e, atualmente, apresentam duas classificações nos manuais de gramática tradicional: os definidos (a, o, as, os) e os indefinidos (uma, um, umas, uns). Diferenciando os artigos definidos dos artigos indefinidos, Castilho (2010) apresenta o desempenho dessas partículas na organização textual. Segundo o autor, os artigos não desempenham as mesmas funções sintáticas: ao passo que os artigos definidos indicam um sentido preciso e determinado – sentido que o interlocutor já conhece, que já está pressuposto –, os artigos indefinidos apresentam um sentido vago, indeterminado no texto, o que impede o uso de artigos de classes distintas como sinônimos, e evidencia a complexidade semântica dos artigos. Por uma questão de recorte de pesquisa, esta pesquisa se limitou a estudar os artigos definidos.

De maneira geral, o uso dos artigos é bastante variável, sendo que, na maioria dos casos, a ausência deles é gramaticalmente aceitável e indiferente para os sintagmas nominais. Mas há contextos nos quais a exigência do artigo é mais provável e outros em que a sua ausência é favorecida. De acordo com Castilho (2010), o artigo será usado principalmente: 1) junto a sintagmas nominais pré-verbais nucleados por substantivos de referência sabida ou inferida; 2) acompanhando sintagmas nominais superlativizados e complementizados por sintagmas preposicionais; 3) junto a sintagmas nominais de núcleo precedido de quantificador definido ou seguido de quantificador indefinido; e 4) junto a

---

6 Schlatter e Garcez (2009, p. 127-128) destacam que o termo “língua adicional” enfatiza o fato de que a língua aprendida é acrescida à(s) outra(s) língua(s) do repertório linguístico do estudante, o que lhe amplia as possibilidades de participação no mundo.

sintagmas nominais complementizados por sintagma adjetival, superlativizados ou não, ou por sentença relativa. Já a sua ausência ocorreria nos seguintes casos: 1) com sintagmas nominais de referência indefinida; 2) nos sintagmas nucleados por preposição encaixados em sintagmas nominais não articulados; 3) nos sintagmas nominais absolutivos em construções apresentacionais; e 4) nos substantivos especificados por quantificador definido indicador de percentagem ou por quantificador indefinido (Castilho, 2010).

Nesse ponto, a língua japonesa se afasta significativamente do português. Ota (1995) mostra que na língua japonesa não há nenhuma classe gramatical similar ao artigo. Esse fato leva os falantes japoneses a lançarem mão de diferentes estratégias para, do ponto de vista semântico e pragmático, obterem os mesmos efeitos que os artigos realizam em português. Não poderemos fazer aqui um inventário desses usos, o que exigiria extrapolar os limites físicos que norteiam a publicação deste trabalho. Interessa-nos, entretanto, apontar que para um falante de japonês, migrado para o Brasil, haverá sempre o desafio de compreender como esses determinantes devem ser usados em português. É necessário aprender quando essas partículas são obrigatórias, quando devem ou podem ser dispensadas. Este trabalho explora exatamente essa questão, procurando dialogar com os contornos sócio-históricos da formação de Maringá-PR, cidade com expressiva presença da comunidade nipo-brasileira.

## **| Uso da linguagem, comunidade de prática e identidade**

Para compreender a influência da língua japonesa sobre o português em uso por Kenji Ueta, figura “pioneira” de Maringá-PR, tomaremos as considerações de Eckert (2005, 2016) e Eckert e McConnell-Ginet (2010), trabalhos da chamada Terceira Onda da Sociolinguística.

A Terceira Onda da Sociolinguística pode ser entendida como uma abordagem da variação a qual defende que “[...] o significado da variação sociolinguística não é incidental, não é um subproduto da estratificação social, mas uma característica de *design* da linguagem” (Eckert, 2016, p. 68, tradução própria<sup>7</sup>). Dessa maneira, entende-se que a Terceira Onda da Sociolinguística atribui valor social aos fenômenos variáveis, de modo que a linguagem se torna um mecanismo de pertencimento e de partilha entre um determinado grupo.

---

7 No original: “... meaningfulness of sociolinguistic variation is not incidental, not a by-product of social stratification, but a design feature of language”.

Um conceito fundamental nessa perspectiva é o de *comunidade de prática*. Ele se refere a um conjunto de pessoas agregadas em razão de um engajamento mútuo em um empreendimento comum, isto é, a comunidade de prática é definida pelos seus participantes e pela prática social na qual eles se engajam (Eckert; McConnell-Ginet, 2010, p. 101), diferenciando-se do conceito de *comunidade de fala*, mais tradicionalmente usada por sociolinguistas da primeira onda. As comunidades de prática podem ter diversas facetas, serem grandes ou pequenas, intensas ou difusas e, até mesmo, estar relacionadas a outras comunidades, como vemos no trecho a seguir:

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem regularmente para se engajar em alguma ação (em grande escala). Uma família, uma sala de aula de linguística, uma banda de garagem, companheiros de quarto, um time de esportes, até uma pequena aldeia. No curso de seu engajamento, a comunidade de prática desenvolve maneiras de fazer as coisas – práticas. E essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor – uma definição tácita de si mesmas em relação umas às outras e em relação a outras comunidades de prática (Eckert, 2005, p. 16, tradução própria<sup>8</sup>).

As pessoas participam de múltiplas comunidades e a identidade dos indivíduos é fundamentada na multiplicidade dessas participações. Dessa maneira, o indivíduo não é uma entidade à parte do espaço social, um mero usuário de significados sociais aprendidos mecânica ou estrategicamente; é necessário, então, direcionar o foco para os significados sociais e/ou identidades negociadas em comunidades de práticas das quais um indivíduo participa, tomando-o como um “agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática” (Eckert; McConnell-Ginet, 2010, p. 103).

Em relação à identidade, Hall (2006) aponta que ela é formada na interação entre o indivíduo e a sociedade. De acordo com o sociólogo, o indivíduo possui o seu *eu real* interior que está sujeito a ser modificado num diálogo contínuo com a sociedade, os mundos culturais exteriores e as múltiplas identidades oferecidas por eles. Assim, a identidade preenche o espaço entre o *mundo*

---

8 No original: “A community of practice is an aggregate of people who come together on a regular basis to engage in some enterprise (writ large). A family, a linguistics class, a garage band, roommates, a sports team, even a small village. In the course of their engagement, the community of practice develops ways of doing things – practices. And these practices involve the construction of a shared orientation to the world around them – a tacit definition of themselves in relation to each other, and in relation to other communities of practice”.

*pessoal interior* e o *mundo público exterior*, costurando o sujeito à estrutura social. Nesse sentido, o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, as quais não são unificadas em uma personalidade, consoante às várias participações do sujeito a diferentes comunidades de prática.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Conforme Eckert (2005), os falantes de uma língua podem combinar distintas variáveis para criar seus estilos de fala. Para a autora, esses estilos de fala são a chave para a produção da *personae*, isto é, os tipos sociais particulares explicitamente localizados no contexto e na ordem social, composta por variáveis que se combinam para produzir os significados (Eckert, 2005, p. 24, tradução própria<sup>9</sup>).

Em outras palavras, o significado da variação reside em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não apenas colocar variáveis em estilos, mas entender essa colocação como parte integrante da construção do significado social da variação.

O presente trabalho se propõe a compreender como o Sr. Kenji Ueta se constituiu identitariamente, a partir de sua participação em comunidades de prática das quais participou aqui, no Brasil, ao longo de sua vida.

## **| A historiografia oficial de Maringá-PR**

Antes de analisarmos os usos e as práticas do Sr. Kenji Ueta, cabe tecermos algumas linhas sobre a cidade de Maringá e a imigração japonesa local, para que compreendamos a trajetória e a participação desse pioneiro na formação da comunidade nipo-brasileira maringaense.

Estudos históricos sobre a ocupação do norte e noroeste do Paraná evidenciam que esta se deu a partir de um projeto de colonização relacionado às concessões

---

<sup>9</sup> No original: “In other words, the meaning of variation lies in its role in the construction of styles, and studying the role of variation in stylistic practice involves not simply placing variables in styles, but in understanding this placement as an integral part of the construction of social meaning”.

do Estado do Paraná à iniciativa privada, na primeira metade do século XX. Tal processo deve ser visto como de reocupação do território, uma vez que esse, milenarmente, contava com a presença de indígenas, especialmente kaingangs e guaranis (Tomazi, 1999).

No caso de Maringá – assim como Londrina, Umuarama, Cianorte e outras cidades da região noroeste paranaense –, o agente colonizador foi a Companhia de Terras Norte do Paraná, que adquiriu na década de 1920 do governo paranaense um total de 516 mil alqueires (Luz, 1997, p. 31). Essa empresa interessava-se em lucrar com a venda de propriedades rurais, com negociação dos lotes urbanos e com o transporte ferroviário (Luz, 1997, p. 37). Por meio de uma intensa ação publicitária, a empresa atraiu para a região brasileiros de diversas localidades. Para Maringá, vieram, desde os fins de 1930, antes mesmo da fundação oficial da cidade em 1947, especialmente paulistas, paranaenses de outras regiões do estado, mineiros, baianos, pernambucanos, alagoanos e catarinenses (Luz, 1999, p. 149). A esses grupos, juntaram-se também estrangeiros e seus descendentes brasileiros, dentre os quais se destacam os nipo-brasileiros, que, em sua maioria, migraram de São Paulo para o norte do Paraná.

De acordo com Stadniky e Barros Pinto (1999), em 1968, o Serviço de Imigração Japonesa informava que mais de 615.000 japoneses e seus descendentes residiam no país, sendo que 15,5% encontravam-se no estado do Paraná. Para as autoras, a história de nipo-brasileiros no Norte do Paraná, em especial em Maringá, requer “um olhar mais demorado e cuidadoso nas estratégias de manutenção dos traços da tradicional cultura japonesa” (Stadniky; Barros Pinto, 1999, p. 245), que ressoa também na língua japonesa e portuguesa do cotidiano desses nipo-brasileiros.

## **| Metodologia**

O *corpus* utilizado para este trabalho foi constituído por duas entrevistas em vídeo do Sr. Kenji Ueta. Sua escolha se justifica pela importância local que esta figura assume tanto para a sociedade maringaense em geral, como para a comunidade nipo-brasileira local. Os materiais do *corpus* utilizado estão disponíveis publicamente na plataforma YouTube, no canal TV Câmara Maringá, realizada, em princípio, sem o objetivo de compor uma pesquisa científica. Para facilitar a análise, optou-se por transcrever o material, o que foi feito de acordo com as normas do projeto do NURC, descritas por Castilho (2010). A partir da transcrição feita, realizamos a análise gramatical e semântica dos artigos empregados por Sr. Kenji, seguindo a classificação proposta por Castilho (2010). Nosso olhar procurou identificar os usos dos artigos realizados por esse



indivíduo, em função da obrigatoriedade ou não do uso desses especificadores no PB.

Realizamos, também, um levantamento dos dados socioculturais, para analisar contornos identitários construídos por Kenji Ueta em sua entrevista. Por fim, buscamos inter-relacionar os dados linguísticos aos socioculturais, de modo a identificar como, por meio do uso da língua portuguesa, o “pioneiro” demonstrava se engajar para participar das comunidades de prática para ele relevantes.

Por fim, resta-nos esclarecer que a perspectiva que adotamos, a da 3ª onda da Sociolinguística, pressupõe uma abordagem que procura evitar as generalizações que estudos com grandes massas de dados acabam por realizar ao lidar com macrocategorias sociais (Eckert; McConell-Ginet, 2010, p. 94). Ao restringirmos nossa análise a um indivíduo, podemos controlar os contornos sociais de seus usos do português brasileiro.

### **| Análise linguística: a ausência do artigo na fala do Sr. Kenji Ueta**

O *corpus* analisado neste trabalho está disponível publicamente no canal de YouTube TV Câmara Maringá. A entrevista conta com cerca de trinta e três minutos de duração, transcritos a partir das normas do projeto NURC, descritas por Castilho (2010). A partir da transcrição, realizou-se uma análise quantitativa dos usos dos artigos definidos, segundo Castilho (2010).

O trabalho selecionou 299 ocorrências de sintagmas nominais (consolidados na Tabela 1). Nesses dados, analisamos a obrigatoriedade ou não da presença do artigo nesses sintagmas, identificando os contextos de uso optativo/indiferente.

**Tabela 1.** Uso de artigo por Kenji Ueta em função da obrigatoriedade ou não de uso do artigo

|                    | Ausência obrigatória no PB |             | Indiferente no PB |             | Presença obrigatória no PB |             | Total geral |             |
|--------------------|----------------------------|-------------|-------------------|-------------|----------------------------|-------------|-------------|-------------|
|                    | Qtd                        | %           | Qtd               | %           | Qtd                        | %           | Qtd         | %           |
| Ausência de artigo | 68                         | 96%         | 28                | 97%         | 86                         | 43%         | 182         | 61%         |
| Presença de artigo | 3                          | 4%          | 1                 | 3%          | 113                        | 57%         | 117         | 39%         |
| <b>Total geral</b> | <b>71</b>                  | <b>100%</b> | <b>29</b>         | <b>100%</b> | <b>199</b>                 | <b>100%</b> | <b>299</b>  | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Como podemos ver, embora a presença dos artigos fosse gramaticalmente esperada como mais frequente no PB, em 182 usos (61% do total), Ueta optou por não apresentar o artigo em suas construções. Além disso, nos contextos em que a presença do artigo era opcional, o falante decidiu por não o utilizar de forma majoritária.

Considerando os empregos de artigo realizados, contabilizamos na Tabela 2 a realização da concordância de número entre o artigo e o núcleo dos sintagmas nominais.

**Tabela 2.** Concordância de número entre o artigo e o núcleo do SN nos usos de Kenji Ueta

|                      | Quantidade | %           |
|----------------------|------------|-------------|
| Faz concordância     | 115        | 98%         |
| Não faz concordância | 2          | 2%          |
| <b>Total geral</b>   | <b>117</b> | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Verifica-se, na Tabela 2, que a concordância de número entre o especificador e o núcleo do SN aconteceu na maioria dos casos, havendo somente duas ocorrências em que a flexão de número não aconteceu, como no excerto a seguir:

- (1) Kenji - então o::::: serviço do meu irmão... nosso... todo mundo fala que esse éh:: do::: ESSE que é profissional memo né... então todo mundo a::::: via (e fala) que... você é um *dos* primeiro *profissional* em Maringá... que levava a sério

O artigo definido, em português, também estabelece com o núcleo uma relação de concordância de gênero. De acordo com as descrições do português brasileiro já realizadas, essa relação não está sujeita à variação, havendo sempre entre o especificador e o núcleo uma compatibilidade. Vejamos o que encontramos nesse caso nos usos de Ueta:

**Tabela 3.** Concordância de gênero entre o artigo e o núcleo do SN nos usos de Kenji Ueta

|                                | Quantidade | %           |
|--------------------------------|------------|-------------|
| Faz concordância de gênero     | 92         | 79%         |
| Não faz concordância de gênero | 25         | 21%         |
| <b>Total geral</b>             | <b>117</b> | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

De fato, como podemos ver, na maior parte dos casos, o “pioneiro” faz a concordância de seus especificadores e núcleos em gênero. Entretanto, em 21% dos casos isso não ocorreu. A exemplo disso, apresentamos (2), a seguir:

(2) (2) Doc - o seu irmão já estava em Maringá?

Kenji - já tava *no Maringá...* dois meses na frente né

Uma construção encontrada na fala do Sr. Kenji e que está presente também em (2) é a inserção de um artigo quando essa partícula não era esperada. No caso, “Maringá” não requeria o especificador e ainda assim optou-se pelo uso de “o”.

Como vimos, uma das situações em que a presença do artigo é necessária no PB se dá em usos em que os sintagmas nominais são nucleados por substantivos de referência inferida ou já citada no texto. Apresentamos os dados de Ueta para esse contexto na Tabela 4.

**Tabela 4.** Usos de Kenji Ueta em contexto de referência inferida ou citada no texto

|                    | Quantidade | %           |
|--------------------|------------|-------------|
| Ausência de artigo | 130        | 59%         |
| Presença de artigo | 90         | 41%         |
| <b>Total geral</b> | <b>220</b> | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Como podemos ver, mesmo nessas condições, Ueta prefere dispensar o artigo em 59% dos casos. No excerto a seguir, apresentamos um de seus usos nesse contexto:

(3) Doc - vocês vieram pra Maringá de avião seu Kenji?

Kenji - avião... porQUE... esTRAda demorava quase quinze hora quase vinte hora de poeira e de sujeira ( ) aquele época tinha avião que chamava... Real... que era... duas hora meia... tava aqui... mas esse eh:::ra bom... de avião... maioria viajava de avião pra São Paulo porque... demorava muito...

Doc - a estrada era muito ruim

Kenji - a estrada /porque daqui... ia pra... Apucarana pa pegar trem... ou ônibus daqui vai ônibus... cheio de poeira... chegava na rodoviária dava vergonha de andar no rodovia que tá/“oi do Paraná”... todo mundo... ((risos))

No trecho acima, o Sr. Kenji optou por não utilizar o artigo antes do referente “estrada” em um primeiro momento. Só inseriu o artigo após a documentarista, em sua fala, ter utilizado esse especificador antes do mesmo substantivo.

Outro contexto favorável ao uso de artigos é em sintagmas nominais complementizados por sintagmas preposicionais, o que resulta em construções sintáticas formadas por um substantivo + preposição + substantivo (Castilho, 2010). Os usos de Ueta nessas condições estão consolidados na Tabela 5.

**Tabela 5.** Usos de Kenji Ueta em contexto de SN com substantivo + preposição + substantivo

|                    | Quantidade | %           |
|--------------------|------------|-------------|
| Ausência de artigo | 23         | 59%         |
| Presença de artigo | 16         | 41%         |
| <b>Total geral</b> | <b>39</b>  | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Como podemos ver, das 39 ocorrências nesse contexto, 59% delas são marcadas pela ausência de artigo definido. No excerto disposto a seguir, Ueta ora usou, ora dispensou o uso desse especificador, quando o SN apresentava essa configuração.

- (4) Kenji - em setenta e oito era imigração de::: (em mil) noventa... então dava muita/colônia deu muita importância esse vinda do *príncipe em São Paulo*... Aí Rolândia... nós fizemo *a centro de Paraná* pra Rolândia... pra (ser) pra reuni tudo lá... nesse época... Antonio Ueno deputado.. né.. chamava Antonio Ueno... E *presidente da câmara* aqui éh::: ahn::: *chefe da câmara municipal* o::: Yoshiaki Oshiro... que fez muita força pra e:::..... força do Ney Braga também... pra trazer

Doc - pra trazer o príncipe e a princesa pro Paraná

Assim, em “*do príncipe em São Paulo*” e “*a centro de Paraná*” nota-se o emprego do artigo definido em um contexto em que sua presença é favorecida, mesmo que fora do esperado de concordância de gênero do especificador com o núcleo do SN. Já em “*presidente da câmara*” e “*chefe da câmara municipal*”, a ausência precedendo os núcleos dos sintagmas nominais *presidente* e *chefe*, sintaticamente inesperada, é encontrada mesmo em um contexto no qual o referente é conhecido por Kenji Ueta. Observa-se, portanto, um uso inesperado do artigo, que tende para a ausência do determinante, semelhante a outros casos analisados neste trabalho.

Outro contexto em que a ausência pode ser sintaticamente inesperada em PB é quando, no sintagma nominal, o núcleo é precedido por um quantificador definido (Castilho, 2010). Em contextos como esse, o informante apresentou apenas duas ocorrências de ausência, como indicado na Tabela 6.

**Tabela 6.** Usos de Kenji Ueta em contexto de SN com substantivo precedido de quantificador

|                    | Quantidade | %           |
|--------------------|------------|-------------|
| Ausência de artigo | 2          | 40%         |
| Presença de artigo | 3          | 60%         |
| <b>Total geral</b> | <b>5</b>   | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Em oposição aos demais contextos em que a ausência foi favorecida pelo uso do Sr. Kenji Ueta, os dados acima indicam a presença de artigos como maior número de ocorrências, totalizando 60% delas. No entanto, os casos em que o informante não apresenta o artigo precedendo quantificadores definidos em SN ainda representam um uso inesperado em PB conforme Castilho (2010), como no excerto abaixo.

- (5) Kenji - do::: cidade... e::: deixou curioso então foi guardando... depois de... cinco ano dez ano começou valorizar esse/todo mundo CAdá aniversário todo mundo vinha procura “como que era *primeiro aniversário* como que era assim”

Doc - uhum

Kenji - porque (nois/eu registrei desde) *quinto aniversário* de Maringá... porque quando eu cheguei aqui era... já quatro ano e pouco já de Maringá

Doc - ah o senhor começou a registrar a partir do quinto ano

Kenji - ((concordando)) quinto... em cinquenta e um pra cá... esse ano faz sessenta ano éh...

No excerto transcrito acima, observamos a ausência do artigo em “era primeiro aniversário”, um dos contextos em que o uso do artigo seria necessário – por ser o substantivo conhecido e ser antecedido por um quantificador. O mesmo ocorre em “quinto aniversário de Maringá”, não se confirmando a necessidade do artigo.

Ademais, um último contexto em que Castilho (2010) indica o uso favorável do artigo definido que abordamos na nossa análise quantitativa e que tiveram resultados expressivos, é em sintagmas nominais complementizados por sintagma adjetival, do qual contemplamos os dados na tabela a seguir:

**Tabela 7.** Usos de Kenji Ueta em contexto de SN com substantivo + adjetivo

|                    | Quantidade | %           |
|--------------------|------------|-------------|
| Ausência de artigo | 22         | 65%         |
| Presença de artigo | 12         | 35%         |
| <b>Total geral</b> | <b>34</b>  | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Nos dados apresentados acima, podemos observar o padrão de ausência de artigo quando estes eram gramaticalmente esperados, sendo preservada a ausência em 65% dos casos. Embora Castilho (2010) aponte o contexto favorável ao uso dos artigos quando o SN é seguido por um sintagma adjetival, cabe dizer que o autor reconhece o desencontro entre a sintaxe e a semântica, sendo possível que em um caso seja estruturalmente aceita a ausência do artigo, enquanto, no mesmo caso, a presença do artigo é necessária para a referência de um substantivo altamente definido, como no excerto da transcrição abaixo.

- (6) Kenji - éh ((concordando com a cabeça))... hoje... gente mostra o que é fotografia/a gente conversa... conversa não adianta tem que mostrar figura... porque praça Napoleão era rodoviária... *praça* rodoviária... dia de chuva que nem dois três (dias) de chuva já... ficava/formava uma lagoa pra lá pra cá

A transcrição acima nos mostra, destacado em itálico, o núcleo de sintagma nominal seguido por um sintagma adjetival em que a complementização torna a referência do substantivo “praça” altamente definida. Dessa maneira, além

de ser sintaticamente esperada, a presença do artigo na ocorrência do excerto (6) era, também, semanticamente possível.

Como pudemos observar nos dados apresentados até este momento, a ausência de artigos é quase sempre preferível para o Sr. Kenji Ueta, sendo a presença um dado inferior em todos os contextos de uso do artigo analisados neste trabalho. Um tipo de ocorrência que identificamos durante as análises dos artigos utilizados ou omitidos pelo Sr. Kenji, que não consta na bibliografia utilizada como base neste trabalho e em nenhuma outra que buscamos para o possível uso, foi o uso irregular quanto à presença ou ausência do artigo no pronome “a gente”. Durante suas falas na entrevista, o Sr. Kenji Ueta faz uso do artigo precedendo “gente”, mas, em alguns casos, o “pioneiro” omite, utilizando somente o núcleo do pronome como segue na Tabela 8.

**Tabela 8.** Usos de Kenji Ueta do pronome “a gente”

|                    | Quantidade | %           |
|--------------------|------------|-------------|
| Ausência de artigo | 3          | 25%         |
| Presença de artigo | 9          | 75%         |
| <b>Total geral</b> | <b>12</b>  | <b>100%</b> |

**Fonte:** Elaboração própria

Diferentemente de todos os outros casos analisados nesta seção, a presença do artigo é favorecida nas falas de Kenji. No entanto, chama-nos a atenção para a omissão do artigo, sendo uma construção particular do indivíduo que podemos observar no excerto abaixo.

- (7) (7) Kenji - ((rindo)) e a *gente* conta esse história e ninguém acredita... “mas que jeito que era?” era assim era assim... aí ( )... *gente* conta pra cinco pessoa... (cabeça) do cinco pensava... tá pensando diferente...

Na primeira ocorrência do pronome no excerto acima, o artigo é assinalado como é esperado; já na segunda ocorrência, o artigo não aparece. De acordo com Castilho (2010), em PB popular e culto, o pronome pessoal da primeira pessoa do plural *nós* tem sido substituído pelo sintagma nominal indefinido *a gente*, o qual geralmente segue a conjugação na terceira pessoa do singular *ele*. A substituição de *a gente*, pronome formado a partir da expressão nominal, por *nós* é recorrente no português. No entanto, o uso do Sr. Kenji dissociando o artigo do pronome *a gente*, mesmo que em poucos casos, evidencia as particularidades de seu uso da língua portuguesa.

## **| Análise sociocultural: estilos construídos a partir da participação do Sr. Kenji Ueta em práticas sociais locais**

Nas entrevistas selecionadas no *corpus* deste trabalho, Kenji Ueta conta sobre a sua vida e sobre as contribuições para o registro histórico de Maringá e para a comunidade nipo-brasileira da região. Além da entrevista usada na análise linguística, lançamos mão de matérias publicadas acerca da sua vida.

Kenji Ueta nasceu em 1927 na província de Fukushima, a 250 quilômetros de Tóquio, capital do Japão. Seu pai, formado economista e engenheiro mecânico, e sua mãe, formada farmacêutica, mantinham bons empregos em grandes escritórios no Japão, com um estilo de vida compatível com suas classes econômicas (As lentes ..., 2008). Motivado pela curiosidade sobre o país que tanto propagavam nas campanhas migratórias, o pai de Kenji interessou-se pelo Brasil e, trazendo sua esposa e seus 3 filhos, atravessou o mundo a bordo do Santos Maru, chegando ao Brasil em 23 de março de 1933. No documentário *As lentes de Kenji* (2008), o Sr. Kenji Ueta conta que, ao longo dos 48 dias a bordo da viagem até o Brasil, participou de aulas de língua portuguesa para os imigrantes japoneses, numa tentativa de ensinar-lhes o básico da língua.

Durante a vida na zona rural paulista, o pai de Kenji, não habituado às condições exaustivas de trabalho e falta de infraestrutura oferecida a ele e à família, faleceu 3 anos depois da chegada ao Brasil. Kenji permaneceu no interior de São Paulo boa parte da infância e juventude, onde aprendeu japonês na escola formada pela colônia, enquanto o português só começou a ser ensinado para ele algum tempo depois de se instalar no país. Na juventude, após o falecimento da sua mãe, Kenji mudou-se para Pompéia-SP, lugar em que trabalhou em uma loja de tecidos até se casar com sua esposa, Yoshiko Nakagawa, quando voltou para a agricultura. Kenji conta no documentário *As lentes de Kenji* (2008) que, quando voltou a trabalhar no sítio, pôde juntar dinheiro para ajudar seus irmãos e também sua própria família que estava iniciando; no entanto, depois de alguns anos trabalhando na roça, Sr. Ueta decidiu que precisava ter uma carreira diferente do trabalho rural, pois não podia mais trabalhar dependendo do patrão, do dono da terra. Assim, em busca de uma nova profissão e com um pequeno capital acumulado, Kenji Ueta se associou aos seus irmãos no ramo da fotografia. Como cenário para a sociedade dos irmãos Ueta, eles se mudaram para o norte paranaense motivados pelo futuro promissor que era vendido pelas iniciativas privadas que mediaram o processo de “reocupação” da região (Tomazi, 1999), formando, então, o estúdio chamado “Foto Maringá”. Kenji Ueta chegou em Maringá em 1951, cinco anos depois da emancipação da cidade, e, pela escassez de profissionais fotógrafos na região, a sociedade dos



irmãos Ueta se consolidou e prosperou, passando a fotografar muitas famílias de todas as cidades que hoje formam a região metropolitana de Maringá.

Além de “pioneiro” da fotografia na cidade, o Sr. Kenji Ueta também foi um membro ativo na comunidade nipônica da cidade, tendo sido presidente por um período da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA), uma entidade representativa da comunidade nipo-brasileira de Maringá, fundada em 1947. Atualmente, a ACEMA ainda é uma das principais associações da comunidade nipo-brasileira na região, contando com eventos abertos a toda comunidade maringaense, bem como cursos de língua japonesa e práticas típicas de cultura japonesa que continuam a herança japonesa entre os descendentes e aproxima a sociedade maringaense da cultura japonesa.

Enquanto membro da diretoria da ACEMA, o Sr. Kenji Ueta participou de diversos feitos realizados pela associação, como a vinda dos hoje imperador e imperatriz do Japão, como relata na transcrição abaixo.

- (8) Doc - [...] seu Kenji como foi a vinda do príncipe e da princesa em mil novecentos e setenta e oito?

Kenji - em setenta e oito era imigração de::: (em mil) noventa... então dava muita/colônia deu muita importância esse vinda do príncipe em São Paulo... Aí Rolândia... nós fizemo a centro de Paraná pra Rolândia... pra (ser) pra reuni tudo lá... nesse época... Antonio Ueno deputado.. né.. chamava Antonio Ueno... E presidente da câmara aqui éh::: ahn::: chefe da câmara municipal o::: Yoshiaki Oshiro... que fez muita força pra e:::..... força do Ney Braga também... pra trazer

Doc - pra trazer o príncipe e a princesa pro Paraná

Kenji - POR QUE... vai descer em Londrina... depois vai no Rolândia pra fazer... festival lá ahn:::..... depois vai voltar pra Rolândia ahn:::..... Londrina? não vamo puxar pra Maringá... era ( ) esse assunto né...

Doc - uhum

Kenji - pra que vai voltar no mesmo lugar né? aí nós fizemo... era MUITas:: ahn:: era MUITO trabalho MUITO valorizoso pra colônia né... éh::: era muito valor pra trazer né... aí nós foi no:: Consulado tudo pedir... aí Consulado pedia pra Brasília... Brasília veio olhar aqui... aqui realmente era cidade nova mas tem colônia que... tem força então vamo atrás né aí mandou mapa daqui tudo..... e foi no Japão abriu lá no Palácio do (governo/imperador) ahn:::..... nesse mapa num tinha Maringá... ué

Neste excerto da entrevista do *corpus*, chama-nos a atenção a importância que a cultura japonesa representava para o Sr. Kenji, e a sua vontade de trazer personalidades importantes da cultura e nação japonesa para Maringá, que vai ao encontro da vontade e o “desejo natural de transmitir a seus descendentes os costumes tradicionais da família japonesa ao lado de proporcionar-lhes o aprendizado da cultura brasileira” (Associação Cultural e Esportiva de Maringá, *apud* Stadniky; Barros Pinto, 1999, p. 247) da entidade representativa da comunidade nipo-brasileira de Maringá.

Entre os interesses de transmissão da cultura japonesa para os descendentes, destaca-se a manutenção da língua japonesa, parte crucial do patrimônio cultural imaterial, enquanto herança. De acordo com a definição proposta por Ortale (2016, p. 27):

Língua de herança é a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua.

Ao reconhecermos língua de herança não somente pelo critério da ancestralidade, mas também pela identificação e pertencimento à cultura de um país, o caráter identitário torna-se central para compreendermos a preservação da língua e da cultura japonesa entre seus imigrantes e descendentes. Dessa forma, a manutenção da língua e cultura japonesa não apenas preserva um legado ancestral de Kenji Ueta, mas também reforça o sentimento de pertencimento e identidade dentro dessa comunidade.

Como membro da diretoria da ACEMA, o Sr. Kenji Ueta foi bastante influente para a comunidade nipo-brasileira instalada na cidade de Maringá. Kenji presenciou feitos importantes para a colônia, como a vinda dos atuais imperador e imperatriz e a inauguração dos locais representativos para os nipônicos como o Marco Imperial, a Pedra Fundamental e o Jardim Imperial Japonês, que foi criado em homenagem à visita do então Príncipe Akihito e sua esposa, e que hoje recebe o nome do “pioneiro” Kenji Ueta pela importância da família Ueta em Maringá, do pioneirismo na fundação da ACEMA e da cidade, além do grande trabalho que Kenji Ueta prestou como fotógrafo, registrando os primeiros momentos de Maringá (Kenji, 2021). Além disso, o “pioneiro” contribuiu para a manutenção de uma cultura japonesa no Brasil, a partir de sua influência dentro da colônia, como apresentado no excerto (8), e também por meio da sua influência social na cidade de Maringá advinda do seu sucesso profissional e da importância de seu

trabalho para os registros da cidade, como podemos observar na transcrição a seguir.

- (9) Kenji - [...] por isso que na época tinha MUITA visita aonde que passou o imperador

Doc - ((sorrindo)) atraiu gente pra Maringá

Kenji - atraiu... ÉH::... então nós pensando não ( ) só da colônia... pensando divulgar Maringá... colônia SEMPRE pensa isso pra divulgar Maringá ENTÃO naquele época setenta oito... jornal... imprensa tudo divulgou Maringá foi imperador... futuro imperador

Doc - o imperador e imperatriz vieram

Kenji - como que/aí MUITOS jornais ( ) ahn:: de São Paulo... como que ocê conseguiu trazer pra cá? nesse época tinha força do... Acema... e GRAças a João Paulino... -- que sempre a gente agradece ele que deu tudo (autonomia) pra colônia -- faz esse vinda do príncipe é histÓrico patriMÔNio do Maringá... aí o::: chama YoSHIRO... que trabalhava ahn::: que tava no câmara... que::: fazia parte do::: era... primeiro secretário do... ahn::: João Paulino né... ele que fez força

Doc - que ajudou a trazer

Kenji - que ajudou a trazer... então foi ele... muito grato...

Acima, o “pioneiro” conta como teve a colaboração de figuras políticas, nipônicas e não nipônicas, como o antigo prefeito e o primeiro secretário da cidade, para a concretização das ações em prol da comunidade nipo-brasileira maringaense, o que corrobora o argumento de sua influência para toda a sociedade de Maringá. Em concordância com sua identidade influente para a colônia japonesa da cidade, os usos analisados na seção anterior ganham aqui o valor social da identidade do Sr. Kenji associados à identidade japonesa que carrega e seu desejo de conservação dessa cultura, isto é, a comunidade de prática nipo-brasileira.

Nesse sentido, podemos interpretar as ausências de artigos indicadas pela Tabela 1 da seção anterior, como uma escolha linguística do *issei*, que mesmo em um contexto no qual era sintaticamente indiferente o uso ou não do artigo, optou pelo não uso dos artigos em 97% dos casos. Além disso, mesmo em contextos em que a presença dos artigos era sintaticamente necessária, o “pioneiro” não aplicou o especificador em 43% dos casos que, embora a minoria das ocorrências, ainda é bastante expressivo quando se trata de um falante que adquiriu o português brasileiro há décadas. E em casos particulares do

discurso do Sr. Kenji, observamos ainda um uso irregular quanto à presença ou ausência dos artigos quando eles eram excepcionalmente necessários, como nas ocorrências do pronome *a gente*, o que ressalta as particularidades de seu uso da língua portuguesa.

De acordo com Ota (1995), não há nenhuma classe gramatical na língua japonesa que se assemelhe à classe dos artigos em PB. Assim, os dados de ausência de artigos apresentados na seção anterior são expressivos e relevantes por um lado porque demonstram a tendência de Kenji Ueta, um indivíduo que aprendeu o português como língua adicional, por não usar os vocábulos cuja classe gramatical similar não existe na língua japonesa; por outro lado, evidenciam a influência que a língua japonesa tem em seus usos linguísticos em língua portuguesa e que ganham o valor social de um indivíduo *issei* da segunda geração de imigrantes japoneses no Brasil, que conquistou uma profissão na cidade, teve comércio na cidade e que se engajou como membro representante da comunidade de prática nipônica a qual pertence.

Coerentemente com os dados linguísticos e os de sua identidade japonesa, encontra-se no discurso dele outras escolhas que igualmente recebem o valor social. Um exemplo disso é a transcrição abaixo, em que durante seu relato o “pioneiro” acrescenta um ditado popular japonês, destacado em *itálico*, para o qual há um equivalente em português brasileiro que é bastante dito e conhecido pelos brasileiros, o *ver para crer*.

- (10) Kenji - tem muita gente que NEM acredita... quando eu fui em Japão... tia não acreditava que passava aqui/não acreditava que peguei mão do... desse príncipe... que lá é cinco metro né

Doc - tem que ficar bem distante né

Kenji - aí eu tinha levado fotografia... óh tia assustou que... é... nem acreditava era ((balançando a cabeça em negação))

Doc - ainda bem que tem as fotos pra provar

Kenji - ÉH::: por isso que foto é MUITO importante... foto éh::: não adianta ficar falando... era isso... esse que era

Doc - é um registro um documento

Kenji - é... registro... por isso japonês fala... *hyakubun wa ikken ni shikazu* -- esse palavra já é MUITOS ((estalando os dedos)) centenas de ano atrás -- o que que é... não adianta conTA cem duzentas vezes do que UM olhada ((movimento de indicação com a mão)) era assim... isso dá muito (valor)

Doc - ((risos)) uma olhada é mais importante que um monte de palavras

Assim, a *hyakabun wa ikken ni shikazu* equivaleria ao *ver para crer* no Brasil. No entanto, mesmo que o dito esteja intrinsecamente ligado ao imaginário católico, o provérbio se tornou no PB um ditado popular brasileiro e essa escolha do Sr. Kenji de usar o provérbio japonês marca, mais uma vez, sua identidade nipônica e seu pertencimento à sua comunidade japonesa. Além disso, no excerto acima, temos a representação da importância da fotografia para o “pioneiro”, a valorização da fotografia, de sua profissão como um indivíduo que, além de japonês e “pioneiro”, era também um fotógrafo de prestígio e pertencia a uma classe social prestigiosa da cidade, e tudo isso compõe suas diferentes identidades que são traduzidas e expressas em seus usos linguísticos, de alguém que tem um lugar de prestígio social e que pode falar um português marcado pelo japonês porque participa de comunidades de práticas a partir das quais se sente legitimado como um “pioneiro maringense japonês e fotógrafo local”.

Na entrevista transcrita, o Sr. Kenji Ueta conta sua trajetória como fotógrafo, os momentos mais marcantes da profissão e, também, sobre a participação nos feitos da comunidade nipônica aqui instalada. Assim, segundo o que o “pioneiro” mesmo retrata, sua profissão como fotógrafo fez sucesso na região desde o início, sendo considerado, de acordo com o relato abaixo, um dos melhores fotógrafos da região.

- (11) Kenji - é... é meu irmão que é fotógrafo e eu (nóis) associamo com ele... eu entrei em cinquenta e um associado... já tinha... alguns fotógrafos... né

Doc - uhum

Kenji - mas éh:::: falar verdade éh::: não era BEM profissional né...

Doc - uhum

Kenji - então o:::: serviço do meu irmão... nosso... todo mundo fala que esse éh:: do:: ESSE que é profissional memo né... então todo mundo a:::: via (e fala) que... você é um dos primeiro profissional em Maringá... que levava a sério

Doc - aí vocês tinham bastante cliente então... naquela época

Kenji - Tinha bastante... aí nós peguemo bastante cliente que:: a:::: amostra no vitrine todo mundo acha que... é foto diferente... esse:: esse é profissional memo né

Junto à sua profissão bem-sucedida a ponto de ter se tornado, desde seu ingresso na área, uma referência na fotografia pela sociedade maringaense, o Sr. Kenji recebeu uma posição de prestígio nesta, o que podemos relacionar com alguns dos dados linguísticos vistos na seção anterior, que ganham o valor social de ser um homem bem sucedido na sociedade e um “pioneiro” na cidade. Nesse sentido, podemos associar isso aos dados das Tabelas 2 e 3 da seção anterior, em que se apresentam as informações sobre, respectivamente, a concordância de número e a concordância de gênero entre o especificador e o núcleo do SN.

A concordância de número em português brasileiro, de acordo com Beline (2010, p. 129), é um indício de baixa escolaridade, que, em geral, vem de mãos dadas com baixo nível econômico.

Desse modo, um grupo de indivíduos de maior nível de escolaridade e de melhor situação econômica possivelmente tenderá a evitar realizações como ‘as pessoa’ e ‘uns carro’, em vez de ‘as pessoas’ e ‘uns carros’. Trata-se então de um exemplo claro de que as atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais.

Quando consideramos a trajetória do Sr. Kenji Ueta, este que passou boa parte da infância e da adolescência na zona rural, onde adquiriu o português, esperava-se que a sua fala fosse do dialeto caipira, em que, muito além do /R/ retroflexo, tem também a não concordância de número e outras características linguísticas. No entanto, em seus usos, o Sr. Kenji opta quase sempre por uma estrutura em que a concordância padrão de número é mantida. Isso o dissocia do estigma que recai sobre a concordância não padrão tão identificada com os grupos sociais menos favorecidos. Sua fala, quanto à concordância de número, o engaja como profissional e empresário bem-sucedido do ramo da fotografia e também membro da elite maringaense, explorando o valor social de prestígio dessa forma.

Um último aspecto que precisa ser analisado na fala do Sr. Kenji diz respeito à concordância de gênero. Como vimos na seção anterior, em 21% de seus usos, o artigo não apresenta compatibilidade com a desinência de gênero do núcleo do sintagma nominal. Embora numericamente baixo, este índice é, como se sabe, incompatível com o português, sendo reconhecido como algo típico da fala de um estrangeiro. Para explicar tais dados poderíamos então pensar que este uso é fruto da influência de sua língua materna. De acordo com Joko (2016), em japonês, as palavras que não têm o gênero referencial não possuem

a flexão de gênero, sendo este marcado por anteposição de morfemas que designam o sexo, mas, em geral, usa-se vocábulos lexicalmente distintos para a marcação do gênero. As ausências de artigo nessa língua fazem com que o fenômeno da concordância não seja uma questão para o falante de japonês. No entanto, acreditamos ser possível pensar que a não concordância de gênero não é apenas influência direta da língua, mas é sustentada pela prática social e identitária de Kenji Ueta. Assim, a não concordância de gênero feita pelo Sr. Kenji é uma opção linguística que o mantém engajado na construção identitária de um japonês no (e do) Brasil. Essa construção tem valor social tanto nos espaços de prática social da comunidade nipo-brasileira quanto em sua atuação como fotógrafo, uma vez que popularmente japoneses eram (e talvez ainda sejam) vistos como especialistas na área da fotografia.

## **| Considerações finais**

Seguindo a classificação proposta por Castilho (2010), descrevemos os usos linguísticos de um integrante da comunidade nipo-brasileira maringaense. Com base nos dados apresentados, então, pudemos reconstruir as inter-relações entre os dados linguísticos e os dados socioculturais recolhidos ao longo do trabalho, o que permitiu recontar parte da História Social do uso do PB pela comunidade nipônica e, também, permitiu explorar construções identitárias que constituem o Sr. Kenji Ueta e, concomitantemente, recuperar parte da sua História. Para isso, apoiamo-nos na perspectiva da Terceira Onda da Sociolinguística presente em Eckert (2005, 2016), Eckert e McConnell-Ginet (2010).

Dessa maneira, os dados linguísticos do Sr. Kenji Ueta nos mostraram sua opção por não usar do artigo nos sintagmas nominais mesmo em situações em que seu uso era obrigatório, ou ainda, nas situações em que a presença desse especificador era optativa. Por um lado, as suas entrevistas também evidenciaram o cuidado em realizar concordância de número, seguindo nesse ponto a norma prestigiada no Brasil. Por outro, encontramos um percentual importante de usos de Ueta em que o artigo não está compatível com a desinência de gênero do núcleo do Sintagma Nominal.

O cruzamento dos dados linguísticos e socioculturais relacionados às construções sociais realizadas por Kenji Ueta nos permitiu perceber como este se constituiu identitariamente como “pioneiro maringaense japonês” e como “fotógrafo local de renome”. Assim, associamos seus usos à sua língua materna e à sua identidade nipo-brasileira sempre que opta pela ausência de artigos, seja em contextos em que esse especificador deveria ser obrigatório, seja naqueles

em que seu uso é optativo. Do mesmo modo, o alto grau de não concordância de gênero no interior dos sintagmas nominais com artigos também remete para essa construção social japonesa. Já o uso majoritário que faz da concordância de número padrão ganha o valor social nas suas práticas como fotógrafo e agente econômico desse ramo, afastando-se dos usos estigmatizados comuns nos falares populares brasileiros. Engaja-se pela linguagem como um membro da comunidade nipo-brasileira, como empresário do ramo da fotografia e membro da elite de Maringá.

## **Referências**

AS LENTES de Kenji. Direção: Antonio Roberto de Paula. Produção de Luiz Fabretti. Maringá: TV Clipping, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgR0ZE09rH4>. Acesso em: 14 set. 2021.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). Introdução à linguística: I. **Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 121-140.

CASTILHO, A. T de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, 2005. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

ECKERT, P. Variation, meaning and social changes. In: COUPLAND, N. **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org. e trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. Lakoff R., et al. São Paulo: Parábola, 2010.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. Prefácio. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo, Contexto, 2008. p. 7-11.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOKO, A. T. **Gramática básica da língua japonesa**. Brasília: edição do autor, 2016.



KENJI Ueta: Jardim Imperial Japonês do Ingá ganha nome do célebre fotógrafo maringaense. **O Fato Maringá**, 2021. Disponível em: <https://ofatomaringa.com/kenji-ueta-jardim-imperial-japones-do-inga-ganha-nome-do-celebre-fotografo-maringaense/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. Maringá: a Prefeitura, 1997.

LUZ, F. A migração através dos dados dos registros de casamento dos cartórios da microrregião norte novo Maringá. *In*: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (org.) **Maringá e o norte do Paraná**: estudos de História regional. Maringá: EDUEM, 1999.

MARINGÁ (PR). **Lei Nº 3380, de 27 de maio de 1993**. Maringá: Prefeitura Municipal, [2015]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/maringa/lei-ordinaria/1993/338/3380/lei-ordinaria-n-3380-1993-institui-titulos-de-pioneiro-e-pioneiro-na-profissao>. Acesso em: 24 nov. 2022.

ORTALE, F. L. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança**: o Pós Método como caminho para uma prática docente de autoria. 2016. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OTA, J. As línguas faladas nas comunidades rurais nipo-brasileiras do Estado de São Paulo e a percepção das três gerações sobre as “misturas de línguas”. **Estudos Japoneses**, n. 28, p. 137-148, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142958/137820>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PINTO, M. E. B.; STADNIKY, H. P.. Contribuição ao Estudo da Presença Nipo-Brasileira no Norte Novo de Maringá. *In*: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (org.). **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999. v. 1, p. 239-254.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas adicionais (Espanhol e Inglês). *In*: RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. **Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: SE/DP, 2009. p. 125-172.

STADNIKY, H. P.; PINTO, M. E. B. Contribuição ao estudo da imigração japonesa em Maringá. *In*: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (org.). **Maringá e o Norte do Paraná**: Estudos de história regional. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2006. v. 1, p. 239-254.

TOMAZI, N. D. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. *In*: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (org.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de História Regional**. Maringá: EDUEM, 1999. p. 51-86.

TV Câmara Maringá. **Homenagem para Kenji Ueta**. YouTube, 14 de set. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jc7xID\\_B6Yw](https://www.youtube.com/watch?v=jc7xID_B6Yw). Acesso em: 18 nov. 2021.

### **Como citar este trabalho:**

PEREIRA, Hércius Batista; JUNG, Neiva Maria; FUJITA, Gabriela. Para a história do português brasileiro em Maringá: o uso de artigos por um integrante da comunidade nipo-brasileira. **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 239-264, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 10/12/2024.